

O primado heurístico da noção de “formação”: para uma teoria gnóstica do conhecimento¹

Nelma Medeiros²

Resumo: Apresentação das bases conceituais que integram a teoria do conhecimento proposta pela Nova Psicanálise. Teoria esta, denominada Gnômica, de base gnóstica por pelo menos duas razões: (a) por afirmar haver um conhecimento absoluto para cada Um entendido como experiência de Haver, experiência que é imediatamente cada Um saber sua solidão e sua condição de estranho ao mundo; (b) pela proposição de que o conhecimento absoluto causa os movimentos de conhecer, o que situa o conhecimento em geral como possibilidades téticas, em qualquer nível de articulação. Donde o primado heurístico da noção de *formação* como aquela que permite operar esse esgarçamento da realidade, a partir da dinâmica da polarização e a correspondente dispensa das noções de fronteira, sujeito e objeto.

Palavras-chave: teorias da comunicação; psicanálise; gnose

Abstract: Conceptual basis of the theory of knowledge as proposed by New Psychoanalysis. This theory is called Gnômica and is gnostic-based for at least two reasons: (a) it states that there is an absolute knowledge of each One, knowledge that is an experience of “Haver”, that is, an immediate experience of knowing One’s own solitude and One’s own strangeness in the world; (b) it states that the absolute knowledge causes the search for knowledge, by which in turn knowledge in general is defined as thetical possibilities in every way of its articulation. Thus the chief importance, heuristically speaking, of the notion of *formation* as one that allows the broadening of

¹ Artigo apresentado no 1º. Colóquio “Comunicação e conhecimento”, do Projeto “Crítica Epistemológica: Análise de investigações em curso, com base em critérios epistemológicos, para desenvolvimentos reflexivos e praxiológicos na pesquisa em Comunicação” (Procad / Capes, 2008: PPGCOMs da Unisinos, UFJF e UFG), realizado dia 06 de novembro de 2008, no VI Encontro Regional de Comunicação da UFJF.

² Professora (PPGHS/UERJ). Doutora em filosofia (IFCS/UFRJ). Pesquisadora do “ETC - Estudos Transitivos do Contemporâneo” (CNPq).

reality, by way of a perspective of polarization and the consequent dismissal of frontiers, subject and object.

Key-words: communication theories; psychoanalysis; gnosis

A Nova Psicanálise propõe uma teoria do conhecimento denominada Gnômica, da qual este texto é uma breve apresentação, a partir da noção de formação.

O termo “gnômica” deriva etimologicamente de *gnose*, palavra grega que significa conhecimento. A idéia de *gnose* se renova e se atualiza na psicanálise através de dois princípios, o segundo decorrendo do primeiro: 1) há conhecimento *absoluto*; 2) esse conhecimento absoluto causa os demais conhecimentos, que chamaremos de *relativos*, no sentido de que são relativos a um absoluto que os rege. Ora, por se tratar de uma visada freudiana da *gnose*, acrescenta-se uma terceira qualificação do conhecimento: todo conhecimento é sexual.

A Gnômica se estatui, portanto, segundo três teses, a segunda e a terceira dependendo logicamente da primeira:

1. Há conhecimento absoluto;
2. Esse conhecimento absoluto ao mesmo tempo qualifica e é qualificado pela natureza sexual do conhecimento;
3. Esse conhecimento absoluto causa os movimentos de conhecer.

Entende-se por *conhecimento absoluto* a apreensão imediata do Real como experiência de presença, experiência que é imediatamente cada Um saber sua solidão, saber sua condição de estranho ao mundo, dele separado e sem *álibi*³. Desfaz-se da premissa filosófica da intercambialidade e co-determinação entre real e pensamento (*logos*). Real, aqui, é HAVER, experiência direta de solidão e mal-estar, “algo que pode ser contado como próprio, no sentido de pertinência, sem se saber dizer a respeito do quê” (Magno [2000-2001]: 214). Trata-se de condenação bruta de Haver, da qual é impossível escapar: impossível, portanto, não-Haver. Conhecimento absoluto que está dado, sendo a psicanálise uma técnica de rememoração desse conhecimento: “não é algo [essa experiência] que alguém toma a decisão para saber se é o fundamento. Trata-se de que é *assim* na vida: entramos nela na porrada e é horrível estar aqui” (Magno [2006]).

Em outras palavras, a experiência de Haver é não-tética, pois não provém de uma decisão ou posição de si. Parafraseando Samuel Beckett, em *Fim de Partida*: “Você há; não há cura para isso”. Somos acometidos de mal-

³ A tese do conhecimento absoluto como experiência do Real é comum à Nova Psicanálise, de MD Magno, e à Não-Filosofia, de François Laruelle. Sobre o último cf. (Laurrelle, 1992) e (Rannou, 2003 e 2005).

estar, sendo dado o saber absoluto de solidão, do derrisório e desamparo sem álibi, trauma cru e obsceno de Haver, saber Único, de cada Um, que faz mover o mundo, no sentido de cada Um se virar para conviver e entender (tarefa impossível) sua condenação. Somos transeuntes carregados pelo mal-estar, que é fato, e, enquanto tal, alheio às vontades que lhe são favoráveis ou lhe fazem resistência.

Ora, essa é a tese propriamente freudiana (aqui tomada como gnóstica): afirmar o Real da impossibilidade absoluta como experiência fundamental de cada Um, a partir da qual cada Um produzirá conhecimentos e modos de estar e ser. Isto é, a partir da qual cada Um produzirá Mundo. Qualquer compreensão obtida e por obter dessa condenação permanecerá precária e insuficiente, sem que seja preciso intermediações de qualquer ordem – ensino, cultura, filosofia, pensamento articulado ou reflexão – para cada Um sabê-lo (saber o fato da condenação e o fato da inadequação dos saberes-mundo para recobrir e explicar que Há). Por fim, a experiência de Real é indiferente, no sentido do distanciamento e corte que ela impõe em relação aos valores do mundo. E isto nos remete à segunda tese.

O conhecimento é sexual. Entende-se sexual como secção, corte, não-relação dada na impossibilidade de Haver passar a não-Haver. Cada Um há, portanto, em separação, em corte, em não-relação com o mundo, no empuxo libidinal de não-Haver, no desejo de relação, de transa, de gozo, com o impossível absoluto. O sexual, por excelência, é o tesão pelo impossível. Nesse sentido, o sexual é o próprio movimento do tesão enquanto transcendental, isto é, enquanto requerente de tudo, exigindo tudo, cada vez mais, inclusive o que não há. Portanto, qualquer moção de conhecimento é sexual, à medida que se qualifica e se explica pelo tesão em seu movimento para um mais-além do dito, do conhecido, do articulado. O conhecimento absoluto qualificado como sexual se expressa como condição (causa) dos movimentos de conhecer. Isso nos leva à terceira tese da Gnômica.

O conhecimento absoluto causa os movimentos de conhecer. A posição gnóstica da Nova Psicanálise se prolonga nessa afirmação, situando o conhecimento em geral como possibilidades téticas, em qualquer nível de construção, apresentação, articulação ou proposição. Para refinar a distinção entre esses dois níveis de conhecimento, propõe-se a hierarquia entre Haver e Ser, com o que se quer indicar a dependência de todos os modos de conhecer (Ser) em relação ao Real, como respostas possíveis, precárias e provisórias à perplexidade de Haver, condenação a não gozar como se deseja (não-Haver). Onde, os conhecimentos possíveis serem já a ordem articulatória das coisas. Há discreção aí, ou seja, não-passagem entre Haver e Ser acompanhável enquanto saber, articulação, discursividade. De um lado, experiência direta do Um, de outro, movimentos de conhecer.

Isso libera o sentido do *possível*, radicalizando sua extensão, razão pela qual a Gnômica caracteriza como *compreensivo* todo e qualquer conhecimento, aí incluído o conhecimento científico. Trata-se de considerar em abrangência,

extensão e inclusão os conhecimentos, donde a proposição “o que quer que se diga ou se articule é da ordem do conhecimento”. Enfatizamos que a experiência de Haver, ao destituir os modos filosóficos e religiosos de se buscar uma proveniência sapiente acerca da presença de cada Um, inflaciona justamente a afirmatividade da tarefa do conhecimento.

A noção de “formação”

A Nova Psicanálise insiste, repete à exaustão, que *o que quer que haja comparece como formação*. Esse princípio é parte integrante da Gnômica, sem o qual perde-se o escopo dessa teoria do conhecimento. Por *formação* entende-se toda e qualquer forma, ordenação, articulação ou estrutura que há, das partículas e anti-partículas a uma ordenação simbólica (humana) qualquer, do código genético e dos ecossistemas vivos a todo tipo de técnica, língua, conhecimento ou arte. Ou ainda, toda e qualquer forma comparecente como matéria, vida ou artefato, para usar os termos das teorias da complexidade e da auto-organização (Dumouchel e Dupuy: 13).

Chamamos a atenção para a redução conceitual operada na noção de formação que, de um só golpe, dispensa qualquer distinção de natureza organizadora das coisas em sua emergência, dispensando igualmente qualquer Artífice nomeado como séde atribuível dessa produção, seja uma instância religiosa ou filosófica transcendente, seja sua expressão imanente (ainda que dividida e dispersa). Quem diz formação diz artifício, ou seja, anonimato, série infinita, diferença de grau, homogeneidade, tensão, sexualidade, transcrição, criação, tecnologia, produtividade (ao invés de reprodutividade), dispersão e fractalidade. Quem diz artifício dispensa – porque deslocou o modo de consideração do problema – o hábito ocidental do dualismo natureza / cultura e seus sucedâneos epistemológicos (natureza / convenção; natureza / costume; natureza / sociedade, natureza / história, cosmos / nomos; ciências da natureza / ciências do espírito, todos de alguma maneira derivados da fratura grega entre *physis* e *thesis* (Milner [2002]: 181-185). O princípio operativo da Gnômica, portanto, é: o que quer que compareça, se forme ou se parciarize na fractalidade do Haver, é *formação do Haver*.

A simplicidade e força heurística desse conceito vêm da perspectiva de considerar o Haver, isto é, o campo do possível ou das formações possíveis, como homogêneo. Quer-se dizer com isso que se conjectura que o que há é constituído do Mesmo, da mesma “substância”, do mesmo elemento ou estrutura mínima, ainda que provisoriamente desconhecido. A hipótese da *homogeneidade do Haver*, exigida pela idéia de formação e que lhe dá inteligibilidade, significa que operamos a partir de um mínimo construtural possível e provisório, ainda que não saibamos determinar ou definir essa homogeneidade (Magno [2003]: 26). Ou como afirmou Paul Feyerabend: “a abundância do mundo que habitamos excede nossa imaginação mais ousada” (2006: 26). A pressão para que se concebam as coisas como heterogêneas e irreduzivelmente diferenciadas advém tanto do fato de as formações

comparecerem limitadas quanto da impossibilidade modal de se atravessar e reverter essas limitações. O entendimento e operatividade das diferenças e exclusões dependem, portanto, da referência à conjectura do Haver como absolutamente homogêneo em sua constituição de última instância.

Essa reversão lógica é fundamental para a Gnômica e tornam próximos da Nova Psicanálise alguns investimentos teóricos contemporâneos que têm insistido na busca de princípios de equivalências entre as coisas, seja pela via computacional, informacional, cibernética ou comunicacional. O que dissemos acima sobre a base gnóstica da Nova Psicanálise inflacionar a afirmatividade da tarefa do conhecimento ganha aqui mais um argumento a favor, pois deparar-se com a limitação tendo em mãos um princípio de homogeneidade é *enfrentar uma dificuldade com a conjectura de sua resolução* inscrita como possível, pois *ela já está lá*, bastando acompanhar as formações em seu infinito processo de acoplamento e transformação, uma vez que se parte da conjectura da constituição homogênea de sua última instância.

Essa postura afirmativa aposta na unicidade, simplicidade e profundidade, na mão contrária do sabor pós-estruturalista da superfície rizomática e múltipla. *São princípios simples e únicos que fazem emergir e movimentar o complexo e o extenso*. Ao invés de partir da diversidade e multiplicidade dos elementos do mundo, que se impõem com suas diferenças modalmente irreduzíveis, parte-se de elementos mínimos formadores para acompanhar a produção e complexificação do máximo (Magno [2003]: 193-194). Uma das tarefas da Gnômica é mostrar que a redução ao mínimo é facilitadora de mais articulações, provendo travessias por dentro de situações tidas como incomunicáveis. Todos os impasses, recrudescências e acirramentos de posição, são resistências mais ou menos intensas à sua dissolução a um mínimo homogêneo e desconfigurador que, à luz dos interesses de conservação das formações, tende a ser rechaçado e afastado como ameaçador das articulações já tidas.

a) Linhagens conceituais da noção de formação

Desde Freud a matéria psíquica é tratada em termos de *formações psíquicas, formações do (sistema) inconsciente, formações substitutivas, formações reativas*, sem aparente privilégio para seu modo de apresentação ou estruturação (sonho, ato falho, chiste, sintomas das mais variadas ordens, com extensões fisiológicas, neuronais, culturais, estéticas), mais ou menos abordáveis na língua, mas extrapolando a própria configuração desta. Jean-Claude Milner considera, por exemplo, que Freud demonstrou grande interesse por eventuais propriedades da linguagem, como o testemunhariam suas idéias sobre o sentido antitético das palavras primitivas, que esclareceriam propriedades dos processos inconscientes (Milner, 2000).

O interesse de Jacques Lacan pela lingüística desde a década de 1950 (abandonado paulatinamente no final da obra a partir da década de 1970) traria

inflexões fundamentais à idéia freudiana de formações do inconsciente. O comprometimento epistemológico aí estabelecido com a lingüística estruturalista compareceu em dois níveis: (i) a reformulação das teses freudianas do inconsciente à luz da lingüística estruturalista, cujo primeiro efeito é postular o inconsciente como tendo as mesmas propriedades de estrutura que uma linguagem; (ii) a postulação do inconsciente assim concebido (e do campo psicanalítico que se reconfigura a partir daí) à luz da tradição epistemológica ocidental, caracterizada, desde os gregos, pelo divórcio e tensão dialética entre *physis* e *thesis* (segundo a natureza ou segundo a convenção), renovada em diferentes épocas históricas (natureza / costume; natureza / sociedade; natureza / cultura; natureza / história).

Ora, em Freud a matéria psíquica comparece mediante formas e lógicas variadas e subordinadas à ordem aberta e epistemologicamente frouxa do Inconsciente. Freud queria saber como o Inconsciente se inscreve, fosse como inscrição neuronal, física (no seio da “Natureza”, do dado), cultural (mal-estar na civilização), estética (trabalhos sobre arte e literatura). Mesmo que isso fosse ao custo de dar fâcias de normalidade científica e mesmo que, com ou sem normalidade científica, não houvesse condições de respaldo investigativo e laboratorial mais amplo. Na seqüência, o périplo estrutural da psicanálise com Lacan pretendeu descobrir, a partir do simbólico, o ponto original onde se faz a linguagem, supondo que, ao fazê-lo, fornecia-se a razão de emergência do inconsciente e seus corolários: emergência da ciência e do sujeito. As formações do inconsciente ficavam subditas à aposta estruturalista de discernir propriedades mínimas da linguagem análogas às propriedades mínimas do ICS que, de retorno, se formalizaria como linguagem.

Mas esse “golpe de artificialização” permaneceu restrito, mesmo em seus esforços de pensar o que seria um discurso psicanalítico propriamente dito, capaz de mostrar o homem como desvinculado de toda e qualquer co-naturalidade com as emergências dentro do Haver. Donde Lacan encarecer a categoria de real, como que a mostrar a precariedade da articulação simbólica frente à impossibilidade absoluta da desejada destruição, de modo consentâneo com a tese freudiana da pulsão de morte. Mas a categoria do real foi encarecida pela reflexão de Lacan em suas últimas elaborações de modo consentâneo com o pensamento contemporâneo, à medida que cada vez mais se reconhece a necessidade de abandonar de uma vez por todas os fantasmas de naturalidade e partir para a invasão das próteses e dos artificios, pois trata-se de Inconsciente puro em movimento e em articulação (Magno [1990]).

Ao longo da obra de MD Magno, desde a década de 1970, a proposição “o que quer que haja comparece por formações” foi sendo elaborada por dentro da própria orientação lacaniana que a conduzia, explorando e esgotando seus conceitos para, a partir da década de 1990, emergir como teoria própria. Mediante a reformulação do conceito de linguagem, a teoria psicanalítica se renovou, tornando-se mais abstrativa, no sentido de mais inclusiva, operacional e prática. Podemos citar, por exemplo, a intuição de um campo homogêneo de

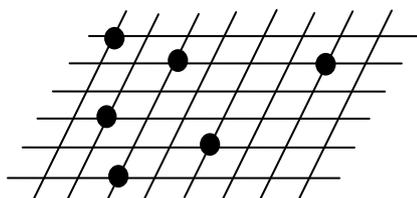
formações pela via conjectural de uma estrutura mínima comum, de que decorrem questões sobre as definições e relações entre linguagem, simbólico, artifício e cultura; a crítica à autonomia do significante e a conseqüente desmontagem da distinção lacaniana entre analogia e metáfora; a redução estética e pragmática da ordem sintomática e seu ponto de ancoragem na indiferenciação (pelo que responde a proposição de uma est'ética e de uma polética); por fim, a ordem sistêmica do sintoma e seu equacionamento mediante uma teoria polar das formações.

A psicanálise afasta-se definitivamente do modo filosofante de articulação, aproximando-se mais dos procedimentos reconhecíveis nas ciências, sobretudo nas ciências caóticas que despontaram nos século XX. Assim, desde já podemos adiantar que o paradigma do caos, com a dependência hipersensível das condições iniciais, o alto grau de indeterminação, as possibilidades de cair em pontos de bifurcação, a dinâmica da organização como emergência, é mais próximo do modo como funciona a mente no modelo proposto pela Nova Psicanálise. A resultante mais recente desse esforço conceitual é a proposição da teoria das formações, articulada à teoria do conhecimento que é a Gnômica.

b) Primado heurístico da noção de formação

Por primado heurístico da noção de formação queremos dizer que prevalece a consideração de qualquer ordem de comparecimento de coisas como redutível à noção de *formação*. É como se buscássemos um nível infra-epistemológico, infra-disciplinarizante, infra-conceitual (entendendo o conceito como operação de recorte e especificação), ao propor questionar e suspender ao máximo limites e fronteiras entre conhecimentos e suas resultantes. Dupla conseqüência: exacerbação do caráter provisório e precário de qualquer conhecimento e exigência de um racionalismo hiperbólico, que não se deixe hipnotizar pela banalidade das razões conseguidas, não recue diante de novas razões e encareça, ao contrário, sua investigação.

É a partir de um entendimento renovado da idéia freudiana de *resistência* como economia intrínseca ao regime das formações que a Gnômica concebe a própria noção de formação como polaridade. O que isso significa? A noção de formação carrega o raciocínio da intensidade reconhecível pelo vigor da tipicidade daquilo que comparece. Estamos trabalhando em um campo nocional articulado às idéias de intensidade, força de aglomeração e pulverização, fora dos raciocínios usuais de fronteira e exclusão. Não são necessários, portanto, raciocínios de territorialidade para se reconhecer uma formação, pois já há o vigor de sua tipicidade. *São formações com seus poderes e forças que polarizam um campo, sem que seja possível encontrar o termo de um pólo assim constituído, pois nos perdemos em suas franjas* (Magno [2003]: 212). Vejamos melhor essa dinâmica a partir do esquema abaixo (Magno [2006]):



As formações são concebidas em termos de uma rede infinitamente grande, com vários pólos (•), acompanháveis focal e franjalmente. Ao focalizar um pólo, imediatamente emerge sua franja como o espraiamento daquilo que se focalizou, sem que seja possível operar exclusivamente pelo foco e supor que se dará conta de tudo, pois a franja é infinita. A teoria das formações, ao invocar o comparecimento e funcionalidade das coisas em polaridade, com seus focos e franjas, responde à falência das fronteiras, por sua vez aspecto chave de todas as teorias do conhecimento de vocação epistemológica, que, em última instância, significam a investigação acerca da validade e justificação do conhecimento assentadas ora no sujeito, ora no objeto. Assim, toda vez que partimos da referência a um pólo temos a impressão de que ele é o centro do mundo, determinando e organizando o resto, donde as ilusões de sujeito e objeto.

Considerações finais

Em termos do laboratório psicanalítico, aplicar a reversão lógica proposta pela Gnômica é encaminhar a análise e aquele que a ela se submete para a progressiva operação de indiferenciação dos valores, uma vez que se parte do princípio de que as diferenças são resistências ou efeitos sistêmicos que se formam no único e mesmo tecido inconsútil do Haver. Todas as formações são limitações resistentes em suas respectivas sistêmicas, no sentido de que se conservam firmes, insistem e persistem em não se deixarem dissolver e desfigurar por outros modos de formação.

A Nova Psicanálise trilha, no campo aberto por Freud, um caminho solitário, alheio e indiferente aos diagnósticos da crítica pós-moderna, não apenas porque a deglutiu antes ainda que tal crítica se tornasse palavra de ordem, mas, sobretudo, porque oferece algo novo, ao mesmo tempo cruel e obscuro, lúcido e sereno: o conhecimento ou experiência imediata de Cada Um como soberania suprema, intocável pelo Mundo, solitária e Real. Pulou-se fora do beco sem saída em que a cultura contemporânea se viu encurralada, entre a constatação da falência dos modelos universalizantes e a euforia exaltadora das diferenças como condição irreduzível de qualquer análise e intervenção.

Temos na Gnômica uma teoria do conhecimento propriamente psicanalítica. É psicanalítica pela base pulsional, ampliada ao extremo como sendo uma proposição tética suposta à *physis*. É psicanalítica pela operatividade de seus construtos teóricos apoiados na experiência clínica, laboratório que têm fornecido, desde Freud, elementos que fazem da psicanálise uma ciência no sentido de um conhecimento que resulta em próteses, em intervenções que transformam. São próteses, portanto, os modos encontrados mediante estudo,

pesquisa e produção psicanalíticas, intervenções que atingem nossos modos de articulação, instalando arquivos de conhecimento capazes de competir com, deslocar e abstrair os arquivos progressos. É, sobretudo, psicanalítica, pois reafirma a experiência de cada Um como conhecimento absoluto de Haver, antes ainda que a vontade filosofante e pedagógica venha autoritariamente pretender definir quem cada um é. Pois, antes de ser, cada Um HÁ. E é só por Haver que se causam as soluções provisórias do Ser.

Referências

- DUMOUCHEL, Paul e DUPUY, Jean-Pierre (dir.). *L'auto-organisation: de la physique au politique*. Colloque de Cerisy. Paris: Seuil, 1983.
- FEYERABEND, Paul. *A conquista da abundância*. Editora Unisinos, 2006.
- LARUELLE, François. *Théorie des identités*. Paris: P. U. F., 1992.
- MAGNO, MD. *AmaZonas: a Psicanálise de A a Z* [2006]. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2008.
- _____. *Clavis Universalis* [2005] Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2007.
- _____. *Ars Gaudendi* [2003] Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2006.
- _____. *Psicanálise: Arreligião* [2002]. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2005.
- _____. *Revirão 2000/2001* [2000-2001]. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2003.
- _____. *Introdução à transformática* [1998]. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2004.
- _____. *Comunicação e cultura na era global* [1997]. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2005.
- _____. *"Psychopathia sexualis"* [1996]. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000.
- _____. *Arte e Psicanálise* [1995]. 2ed. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2008.
- _____. *Velut Luna* [Seminário 1994]. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2000.
- _____. *A natureza do vínculo* [1993]. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. *Pedagogia Freudiana* [1992]. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. *Est'Ética da Psicanálise: Parte II* [1991]. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2002.
- _____. *Arte & Fato: da arte total à clínica geral* [1990]. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2002.
- _____. *Est'Ética da Psicanálise: Introdução* [1989]. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- _____. *De Mysterio Magno* [1988]. Rio de Janeiro: outra, 1985.
- MILNER, Jean-Claude. "De la linguistique à la linguisterie" em A.A.V.V. *Lacan, l'écrit, l'image*. Paris: Flammarion, 2000.
- _____. *Le périple structural: figures et paradigme*. Paris: Seuil, 2002.

RANNOU, Jean-Luc. *La non-philosophie simplement: une introduction synthétique*. Paris: L'Harmattan, 2005.

_____. *François Laruelle et la gnose non-philosophique*. Paris: L'Harmattan, 2003.

SCHOTTE, Jean-Claude. *La science des philosophes*. Paris: De Boeck & Larcier, 1998.